

ANÁLISE LITERÁRIA: O LAVA-PÉS (Jo 13,1-30)¹

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A perícopé analisada, segundo o jesuíta e biblista Johan Konings, abre a segunda parte do Evangelho de João, que é identificado como o Livro da Glória. Esta parte recebe tal denominação, pois Jesus será glorificado pelo Pai. Esta segunda parte é constituída dos capítulos 13-20 deste Evangelho. O centro deste Livro da Glória é o Capítulo 17.

Assim, conforme Pe. Konings, nesta parte trata da Hora de Jesus, que é o retorno ao Pai. Tantas vezes ao longo do Evangelho tratou-se desta Hora: 2,4 (Bodas de Caná); 7,3 (Festa das Tendras); 8,20 (Mulher adúltera); 12,23 (Após a Unção em Betânia e a Entrada Triunfante em Jerusalém).

De acordo com o biblista jesuíta, pode-se dividir a parte da glorificação em:

1. Capítulos 13-17 – Despedida de Jesus na Última Ceia;
2. Capítulos 18-20 – Narração da Paixão de Cristo e a Gloriosa Ressureição.

Após esta introdução, o biblista Johan trata sobre a cronologia dos últimos dias de Jesus. O destaque é a diferença da teologia joanina com os sinóticos. Enquanto Marcos, um dos sinóticos e provavelmente o primeiro a relatar a Paixão de Cristo, apresenta a ceia como um ato litúrgico dos judeus, que celebrariam a Páscoa. Já o evangelista João, distancia desta tradição e enfatiza que seria improvável a realização de um julgamento na Festa Solene da Páscoa. Logo, antecipa em um dia tal cronologia e coloca a ceia num momento não litúrgico, mesmo que o fato narrado por João sobre o pão passado no molho e entregue para Judas, sendo tipicamente da ceia pascal.

¹ J. KONINGS, Evangelho segundo João Amor e fidelidade, Loyola, São Paulo 2005, 250-265.

Tal informação se pode constatar na tabela abaixo extraída do manual do Professor Johan Konings.

Tabela 1.0 – Comparativo entre os Sinópticos e João²

Evangelhos Sinópticos	Evangelho de João
Dois dias antes de Ázimos (4 ^{af.} ?) Unção em Betânia (Mc 14,1.3 paralelo Mt)	Seis dias antes da Páscoa (dom. ?) Unção em Betânia (12,1)
5 ^a feira: manhã e tarde = 14 nisan 1 ^o dia de Ázimos (Mc 14,12 textos paralelos), imolação do cordeiro e preparação da ceia	
5 ^a feira: noite = 15 nisan = Páscoa judaica Ceia pascal de Jesus (Mc 14,17 textos paralelos), com a instituição da Eucaristia Prisão; interrogatório perante o Sinédrio presidido por Caifás 6 ^a feira: manhã: entrega a Pilatos (Mc 15,1 textos paralelos) [só Lc 23,6: perante Herodes] Hora 3 ^a : crucificação (Mc 15,24 textos paralelos) Hora 6 ^a : trevas (Mc 15,33 textos paralelos) Hora 9 ^a : morte (Mc 15,34 textos paralelos) Entardecer: sepultamento (por causa da preparação do sábado, Mc 15,42 textos paralelos)	5 ^a feira: noite = 14 nisan Ceia (não pascal) de Jesus Prisão e interrogatório perante Anás (e Caifás) 6 ^a feira: manhã: perante Pilatos (18,28) Hora 6 ^a : condenação à morte (19,14-16, hora de imolar o cordeiro), menção à preparação do sábado (cf. 18,28; 19,31.42) Morte (19,30) Entardecer: sepultamento
6 ^a feira: noite = 16 nisan Início do sábado (cf. Mc 15,42 textos paralelos)	6 ^a feira: noite = 15 nisan = Páscoa judaica Início do “sábado solene” = dia da Páscoa (Jo 19,31)
Sábado à noite/Domingo = 17 nisan 1 ^o dia da semana – Ressurreição	Sábado à noite/Domingo = 16 nisan 1 ^o dia da semana – Ressurreição

O intuito da teologia de João é coincidir hora de morte de Jesus ao momento que se imolavam o cordeiro para a celebração pascal Judaica, segundo Johan.

² IBID., 251.

Ao apresentar a primeira parte do Livro da Glória. Johan Konings trata da despedida de Jesus. Iniciando com a Última Ceia e o ato profético do Lava-pés, seguido do anúncio da traição de Judas. Depois seguirá o relato da despedida e a Oração de Jesus ao Pai.

Alguns pontos destacados pelo Padre jesuíta são:

- João apresenta o tema da traição de Judas comum aos sinópticos (Jo 13, 18-19.21-30; cf. Mc 14,17-21 = Mt 26, 20-25 e cf. Lc 22,22-23);
- A abordagem da temática da humildade é comum aos Evangelhos de João e Lucas (Jo13,12-17, cf. Lc 22,24-27);
- João assemelha-se a Lucas ao narrar a traição de Judas no relato da Ceia. Já que os Evangelistas Marcos e Mateus tratam da traição antes da Ceia.
- Também, na mesma estrutura comparativa, João e Lucas tratam da temática do serviço de Jesus na última Ceia, enquanto que Marcos e Mateus tratam desta temática no terceiro anúncio da Paixão.

2. ANÁLISE LITERÁRIA

Johan Konings propôs, para a análise literária desta perícopa, a seguinte estrutura:

- i. A abertura geral da segunda parte de Jo (13,1);
- ii. Jesus se levanta para lavar os pés dos discípulos, provocando protesto de Pedro (13, 2-11);
- iii. Jesus volta a sentar-se e explica o sentido de seu gesto (13,12-20);
- iv. Jesus anuncia a traição (13, 21-30).

Após a introdução do livro da glorificação, conforme o jesuíta Konings, segue o lava-pés (ii - indicativo), no qual Jesus mostra o que os discípulos devem fazer, seguido pela explicação, exortando que devem imitá-lo, no serviço humilde e na missão do discípulo (iii - imperativo).

O biblista Konings apresentou duas cenas nesta análise: o lava-pés e a traição. A primeira parte Jesus lavou os pés dos discípulos, no qual Pedro ficou

em primeiro plano e Judas, em segundo plano. Na parte da traição apareceu Pedro, o Discípulo amado e Judas; no qual este passou para o primeiro plano.

A análise de Johan conclui com a saída de Judas que interligará com a próxima perícopes que é a despedida e o legado de Jesus: Mandamento do Amor.

aa. Abertura (13,1)

No primeiro versículo, de acordo com biblista jesuíta, abre solenemente a entrega total de Jesus Cristo que amou os seus até a plena consumação e a imolação de sua vida na Cruz. Assim, chegou a hora de Jesus mostrar o rosto amoroso do Pai, prefigurado de forma profética no Livro dos Sinais – primeira parte do Evangelho de João.

bb. O gesto de Jesus e seu sentido soteriológico (13, 2-11)

Padre Konings comenta cada versículo, no qual destacamos os seguintes aspectos:

V. 2-4: o ato do lava-pés, cujo centro é o v. 4 «[...] levantou-se... tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a à cintura». Esta cena aconteceu num jantar comunitário antes da Páscoa judaica, ou seja, era o jantar de despedida. Apresentam-se em contraste duas consciências de Judas e de Jesus. Judas iria trair entregando Jesus, enquanto que Jesus iria concluir sua missão, retornando ao Pai. No centro esta a humildade de Jesus que deixa a posição de mestre para assumir a posição de servo. O sentido empreendido neste gesto de Jesus é soteriológico/salvífico.

V. 5: O gesto de lavar os pés deveria ser realizado antes de irem para a mesa. Configura-se, assim, como um ato profético. Simbolizava um ato de carinho ou de hospitalidade. Contudo, para os judeus rabínicos, era um ato profundamente humilhante e reservado aos escravos. Ressalta que o verbo lavar é citado oito vezes só nesta perícopes, de um total de treze vezes no Novo Testamento. As outras cinco vezes estão em Jo 9, 7.11.15.

V. 6-7: a divergência entre a consciência de Pedro e de Jesus. Para Jesus, lavar os pés era uma atitude de dedicação da própria vida. Enquanto Pedro reduziu o ato a humilhação. Não havia chegado a hora de compreenderem aquele gesto aparentemente humilhante.

V. 8: O ato de lavar os pés inverte a lógica hierárquica. Na sequência, Jesus sinaliza que tal rito faz parte do projeto de salvação, para que possa receber a

herança. Tal projeto, que para o Evangelista João é a Vida, necessita aceitar o serviço radical.

V. 9-11: Pedro exige que Jesus lave não apenas os pés, mas as mãos e a cabeça, pois estava presa a lógica judaica da purificação. Na proposta de Jesus, o lava-pés simbolizava a prática do servo que é capaz de amar até o fim. Em oposição ao batismo, que introduziam aqueles que desejam abraçar a fé. Os discípulos de Jesus, com exceção do traidor, foram purificados aos acolherem a palavra de Jesus.

cc. O sentido exemplar: a exortação aos discípulos (13,12-20)

Na sequência, os principais pontos sinalizados pelo Professor jesuíta são:

V. 12-15: Jesus exorta os discípulos ao serviço pelo amor. Aqueles que serão os chefes da Comunidade Primitiva, os Doze, devem seguir este imperativo que foi indicado pelo próprio mestre. Assim, deve-se aceitar a salvação que vem de Jesus e servir aos nossos irmãos. O protagonismo de Jesus em sua kenósis introduz neste mistério. Sem antes acolher tal ensinamento, o ser humano não será capaz de realizar tamanho despojamento. Imita-Lo não deve ser acolhido com soberba. O símbolo do lava-pés é único e incomparável a obra de Deus em Jesus Cristo. Quando nos despojamos de tudo, acolhendo esta espiritualidade do lava-pés, o ser humano alcançará a plena liberdade em Deus.

V. 16-17: Jesus convida aos seus discípulos a abraçarem esta missão por amor. Eles serão felizes ao viverem na imitação do seu exemplo.

V. 18-19: Jesus não exalta aquele que traía-Lo. Aqueles que são eleitos são plenamente livres, até mesmo para se opuser ao projeto de Deus. Contudo, a Lógica do Serviço é mais forte. Nota-se o cumprimento das Escrituras e da palavra do próprio Jesus, no Evangelho de João.

V. 19-20: Jesus declara a sua Glorificação diante da traição de Judas. E, pode-se expandir diante das tribulações de hoje. Jesus se solidariza com todas as nossas aflições.

dd. Acionamento da traição (13, 21-30)

Por fim, Johan analisa os seguintes versículos:

V. 21-22: Diante do anúncio da traição, Jesus treme diante da morte, sendo o traidor um dos seus.

V. 23-24: O Discípulo Amado aparece no Evangelho como aquele que é capaz de compreender o sinal de Deus, acolhendo-o e seguindo os passos do mestre.

V. 25-27a. Jesus entrega a Judas o pão passado no molho, como um gesto de anfitrião. Aquele que se deixa seduzir pelo Satanás, age na traição, tornando-se chefe deste mundo.

V. 27b-30: Nenhum dos discípulos, a não ser o Discípulo Amado sabia quem era o traidor. Mas o Evangelista João não revela que os demais discípulos sabiam quem era o traidor. Judas simboliza aquele que cobiçou ao ponto de trair e é simbolizado por todos que tropeçam. Estabelece-se o paralelo entre o Discípulo Amado, que é filho da luz; e Judas, que é o filho das trevas.

3. CONCLUSÃO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA E ATUALIZAÇÃO

Diante do ensinamento indicado por Jesus e após sua exortação ao serviço por amor, todos nós somos convidados a interiorizarmos a kénosis de Jesus. O símbolo do Lava-pés apontado no Evangelho de João deve provocar uma mudança interior, acolhendo este sinal profético de serviço e humilhação pelo Amor a Deus. Não basta repetir o gesto, mas celebrar e viver o sinal de generosidade de um Deus que é Amor.

O Discípulo Amado compreendeu o mistério de Amor em Jesus Cristo. Enquanto, Pedro e Judas, representantes da Teocracia se enrijeceram diante das estruturas falidas do judaísmo farisaico e do Império Romano, respectivamente simbolizados nestes personagens.

Portanto, que sendo testemunhas Daquele que tanto amou, possamos acolher com generosidade o Serviço por Amor a Deus, entrando nesta Escola do Amor como sinal de Doação. Cito a síntese proposta pelo Professor Konings como reflexão complementar:

«A perícopa do lava-pés revela um sentido muito profundo para as nossas comunidades. Com o amor de Jesus até o fim diante dos olhos (13,1), aprendemos a necessidade de, na entrega da fé, aceitar seu gesto único e insubstituível de doação da vida por nós (13,2-11), para que nós também demos a vida pelos irmãos (cf. 1Jo 3,16), tornando-nos escravos uns dos outros (cf. Gl 5,13). A humildade de Jesus não é apenas uma amostra de virtude. É uma revolução. Acaba com o

desnível entre o senhor e servo. ‘Em Cristo não há escravo nem livre...’ (Gl 3,28). Seu gesto também não é um símbolo extrínseco do ‘esvaziamento’ na cruz, mas faz parte intrínseca do modo em que a Palavra de Deus é ‘carne’. Não é símbolo mas prelúdio da cruz. A ideologia dominante do mundo acha isso ridículo e, assim como se após Cristo, tentará reprimir o projeto da fraternidade cristã. Haverá até traidor no meio. Mas Cristo foi até o fim e anunciou tudo isso, para que nunca duvidemos de que ele é quem nos revela o agir de Deus mesmo, ao qual nós podemos unir-nos na solidariedade com ele. O Senhor e Mestre se torna escravo. Os que participam de sua mesa – não só as viúvas (1Tm 5,10) – devem lavar os pés dos irmãos, não só numa liturgia bem higiênica na Quinta-feira Santa, mas na realidade do dia-a-dia. A comunidade cristã não pode ser determinada pelas classes e divisões que a sociedade estabelece – coisas ‘deste mundo’. Ora, o lava-pés de Jesus não é um benfazejo banho no fim da caminhada, e sim, o início da uma nova caminhada, para dentro da noite que se revelou presente pela traição. Essa também é o caminho das comunidades.»³

BIBLIOGRAFIA

KONINGS, JOHAN. *Evangelho segundo João* Amor e fidelidade, Loyola, São Paulo 2005.

³ IBID., 264-265.